

Se a prece não me auxilia
A ser de todos o irmão,
Se a fé não me purifica,
Para que religião?

Deveres nas provações,
Constrangimentos fatais.
Quanto se sofre ao cumpri-los!
Mas não cumpri-los dói mais.

Há casamento de prova
Lembrando a canga de bois,
Bendito quem se renova
Nesse resgate de dois.

Não julgues a vida errada
Pela sombra que ela tem.
Raio que cai na chapada
Cai na avenida também.

A TAGARELA

Nhá Zizita, na Rua do Barreiro,
Já sentia, de muito dar na trela,
Calo de cotovelo na janela
Onde espiava gente o dia inteiro.

Calúnia e invencionice era com ela,
Gostava de folia e de berreiro.
O povo comentava, chocarreiro:
— “Jabiraca da língua de sovela!”

Nhá Zizita morreu... Desencarnada,
Viu atrás dela enorme trapalhada
E gritava: — “Meu Deus! Meu Deus, me acuda!”

Deus teve dó de tanto sofrimento
E deu a ela um novo nascimento,
Mas Nhá Zizita, agora, nasceu muda...

Lição que toda pessoa
Aprende com muito custo:
Antes de ser generoso
E' necessário ser justo.

Micróbio! Um bichinho inquieto,
Nas verdades que hoje sei,
Parece agente secreto
Em muito caso de lei.

Descrença? Ninguém se importe.
Ateu que vive a dizer
Que a vida acaba na morte
Muito em breve vai saber.

Preguiça quando conversa,
Sob o verniz da instrução,
Parece fala de ouro
Em goela de papelão.

MATAVA POR PRAZER

O boticário Neco Nambiquara,
Depois de anel no dedo e compromisso,
Arrenegou de casa, de serviço,
E viveu de espingarda, chugo e vara.

Matava por prazer e era só isso...
O povo já dizia que era tara.
Num domingo, caçando capivara,
Morreu de um tiro errado, atrás de ouriço.

Fora do corpo, o Espírito de Neco
Ficou preso na Loca do Marreco,
Sempre escutando a bala que zunia...

Depois de muito tempo no buraco,
Reencarnou numa grota de macaco,
Para crescer zelando a bicharia.